



S. PAIO DE ANTAS
= ESPOSENDE =

ANO V N.º 48
MARÇO DE 1962

Composição e impressão :
Escola Tipog. da Oficina de S. José
- BRAGA -

O DIA DE...

Levanta-se o sol...

Mais cedo se levanta Satanás... Grande tarefa o esperava naquele dia. Por isso ma-
drugou e foi despertar a uns para que fossem
ao trabalho — (nesse dia era indispensável
aquele pequeno trabalho...) — e a outros foi
dizer-lhes que dormissem mais um bocado,
porque aquele dia era destinado ao descanso.

E, por que muitos deram ouvidos a Satanás,
indo ao trabalho que naquele dia era proibido,
ou dormindo até alto dia, não ouviram a voz
do sino, que é voz de Deus, a chamar à
Santa Missa, a que todo o cristão está obri-
gado ao domingo. E, se ainda se ouve esta
voz, Satanás vai soprando ao ouvido que
ainda há muito tempo, que se trabalhe mais
um pouco, que se durma mais um bocado...
e depois esfregará as mãos de contente quan-
do os vir entrar para a missa tarde e a más
horas,

Naquele dia Satanás também foi à missa...
Sentou-se entre umas meninas a quem ensinou
que era bonito estar a conversar... foi junto
doutras e chamou-lhes a atenção para uns
vestidos que nesse dia se estrearão... e mais
outros serviços ali fez ainda.

Depois deu um salto às tabernas onde
deixara uns bons fregueses dizendo-lhes que
a Missa é para as mulheres. *porque os ho-
mens não têm vagar*, e aos quais fez juntar
um maior número, mesmo de muitos que pela
missa passaram. Ali se senta a inspirar con-
versas, a inspirar pensamentos, a fomentar
desejos, a excitar apetites, e, sempre que pode,
fomenta umas discussõezinhas, umas rixas
que, por vezes, chegam a pancadaria brava,
não lá dentro, não, poro que se não percam

os créditos da firma, mas à porta, na rua, no
caminho que ali levam.

A meio da tarde passam em frente da
taberna, onde Satanás fez assento, umas
crianças famintas e uma mulher andrajosa que
olha para dentro e vê com tristeza que lá se
esgota num último copo de vinho o que ela
durante uma semana, ansiosamente, esperou
para matar a fome aos seus filhinhos. Aquela
mulher chora e Satanás ri. Ri e ri, a bandeiras
despregadas, com os disparates que agora
já ali se dizem e com os trajeitos que lá
dentro e já cá fora se fazem. Um riso do
inferno perpassa por aqueles rostos alvares,
estúpidos, simiescos.

E, rindo senpre, Satanás sai da taberna,
que a sua presença já não a julga necessária.
Foi passear... Toda a tarde foi passeando
rua abaixo, rua acima, a soprar vaidades, a
lembrar pensamentos a quem passa e a quem
vê passar, promove uns ajuntamentos, umas
diversões em que ele pontifica.

Chega a noite. O sino chama de novo à
oração, mas desta vez Satanás não volta à
igreja; não há lá a quem tente... Todos estão
cansados e ele cansado também, mas o seu
dia não terminou ainda. Mais umas voltas tem
que dar, agora encoberto com as sombras
da noite, para levar uns jogo e outros ao
vício, à desonra, à ruína da saúde... à miséria
moral, à corrupção...

Chegou a meia noite. Lúcifer regressa ao
seu inferno de ódios e de blasfémias, cansado,
exausto dos seus trabalhos, mas satisfeito,
embora nunca saciado, porque conseguiu

(Continua na 4.ª página)

TERRAS BRANCAS

(CONTINUAÇÃO)

Amigos assim, o tio Leiras e o Candito, até custava a acreditar. Nas feiras era ver o tio Leiras a explicar ao Candito porque é que esta turina não era de raça ou porque é que aquela galega não valia os guizos de um gato.

À vinda, lá vinha o Candito a dizer pelos atalhos das bouças:

- Não fizemos grande negócio, tio Leiras. A toura não valia as cinco. Um traste daqueles nem para gerica de ciganos.

Exactamente: o plural como se fossem sócios antigos e como se realmente o prejuízo fosse a meias.

Às vezes, noite fechada, batiam ao portal. Um bater suplicante de quem tem pressa e sente incomodar. Era a vaca velha que tinha uma dôr. Se o tio Leiras lá pudesse chegar.

- Já lá vamos, já lá vamos.

E o miúdo (tio Leiras, uma vaca doente, vamos, pode ser coisa de cuidado) em dois pinotes estava aviado. Chancas largas que os lameiros conheciam ao longe, um gabiaro pelas costas e toca a andar que pode haver novidade.

- Nada de mau, tio Domingos. Água morna e um cheiro de farinha, que isso varre.

E o Candito:

- Às vezes, o bicho dos pastos... É preciso cuidado mas nada de afligir.

E com uma palmadinha no lombo do animal, lá vinha pela noite, ao lado tio Leiras com a consciência de quem é indispensável e cumpre um dever.

É por isso que a gente dizia que amigos assim até custava a acreditar.

* * *

Quem não andava bem era a galega. Desde que tivera aquela cria à pressa e sem preparação na cangosta dos Agradas, nunca mais foi a galega. Deu em andar para ali, amarela e desinteressada num tanto se me dá como deu, que era mesmo de partir o coração. Água quente, chá de pele de cobra. Bôh! Não havia dúvida. O animal não levava a bem a brincadeira e aí estava ele, sempre agarrado ao curral, como velha ao borralho, sem boca para nada.

- Candito hoje não podes vir à feira.

Pois não. Uma criatura daquelas, como era a galega, não se ia deixar ficar até, entregue a um dia inteiro de doença, sem uma visita nem duas festas no lombo. Mas também o tio Leiras ir à feira sozinho, nem ele sabia o que lhe parecia.

- Tio Leiras, se você não fosse à feira...

Mas o Candito bem sabia que não ir à feira era superior às forças do tio Leiras. Era como ficar um domingo sem missa. Por aí não esperava nada...

Mas o Candito tinha receio pelo tio Leiras. O tio Leiras, sozinho, sem ele ao seu lado, numa feira daquelas... E e rapaz temia pela reputação profissional dos dois.

- Até à volta.

- Vem cedo, vem?

Vinha. Ao cair do sol, S. Paio tê-lo-ia no curral. Que olhasse pela galega.

- E não apalavraria nenhum negócio sem primeiro falar com ele, ora não?

- Só se fosse oiro caído do céu.

E partiu.

* * *

O Candito passou o dia a conversar com a galega. Assim que estivesse rija, as melhores ervas do sovalho, já sabia para quem eram. Mas era preciso reagir, fazer pela vida. Não é estar assim para aí, ao Deus dará, como um cão a ver a procissão que se ganha a milhão do sovalho, ouves, galega? Mas o animal, moita. À noite precisava de ter uma conferência a sério com o tio Leiras para darem uma solução aquela doença que se agarrara à galega como carraço à pele.

Mas a noite chegou e bem adiantou ao Candito ir para a janela da cosinha a ver se distinguia o tio Leiras, pelo caminho da Agra! Aquela demora não lhe agradava. Da janela, já se viam lá ao fundo, pela estrada nacional as luzes dos carros a passar sem ligar nenhuma às lojas que se foram postar mesmo à beira da estrada, ao encontro dos fregueses. Lá estavam as estrelas: A da avó. A da tia Rosa. A do tio Joaquim. E ou ele se enganara muito ou havia mais uma estrela lá adiante, à beira das de S. Paio, entre as austrálias e o Monte da guia.

Foi então que bateram à porta. Mau.

Casamento

Rogério de Faria Rolo e Vitória Rolo Laranjeira, ele de Azevedo e ela do Monte, contraíram a sacramento do matrimónio, a 17-3.

Deus vos ajude.

* * *

«Os esposos não devem amar-se sòmente com amor natural, como fazem os seres irracionais, nem sòmente com amor humano, como os pagãos. Mas os maridos devem amar as esposas como Cristo ama a Igreja, e as mulheres devem amar os maridos como a Igreja ama Cristo, portanto com um amor Santo».

Senhor aos Doentes

No dia 8 de Abril, Domingo da Paixão, sairá a procissão do Senhor aos Doentes.

Todos devem acompanhar o SS.^{mo} Sacramento pelos caminhos da nossa terra; durante todo o percurso é preciso guardar silêncio, manter a procissão ordenada, rezar e acompanhar os cânticos.

Em S. Paio o bater era à porta do portal, não era à porta de casa como se tudo aquilo por ali dentro não tivesse dono.

Era o Joaquim da Fonte. Vinha por causa do tio Leiras. O homem, coitado, ficara ferido numa zaragata, junto da venda de Santo António, quem vem ó para cá. Foi para o hospital de Viana, um pouco mal, mas enfim não era coisa de afligir. Estivessem eles descansados pela demora.

As mulheres passaram a noite à volta do oratório da sala. O Candito que fosse dormir que não havia de ser nada. É o foste. Foi mas é para a janela a olhar a estrelinha nova lá em cima, que lhe acenava, acenava...

Ao outro dia, à noitinha, soube-se que o tio Leiras tinha morrido. Devia passar das dez da noite, quando o Candito viu com todas as letras o enterro do tio Leiras a caminho da Igreja, por entre os pinhais. Lá ia o sr. reitor vestido de branco, os círios, o tio Agostinho Cachada a rezar os padre nossos e a campainha tlim, tlim... E luzes, luzes que nem uma procissão de velas. Ah! já sabia. Era o sinal. Era o tio Leiras que o chamava. Por isso lá estava um nadinha de espaço sem ninguém, à beira da estrada nova. E desceu ao curral a dar a notícia à galega.

Baptizados

Na Igreja Paroquial de S. Paio de Antas receberam o sacramento do baptismo:

- No dia 25-2, Carlos Alberto Caramalho Pires, filho de Manuel Pires e de Amélia Viana Caramalho, residentes no lugar de Guilheta; no mesmo dia, Maria de Lurdes da Rocha Rolo, filha de Serafim Meira Rolo e de Maria Emília Gramosa da Rocha residentes no lugar de Guilheta;

- No dia 4-3, Márto da Cruz Viana, filho de António Rodrigues Meira Viana e de Emília da Cruz Viana, residentes no lugar do Monte;

- No dia 11-3, Maria Emília Ferreira Laranjeira, filha de Manuel Augusto Meira Laranjeira e de Maria Inésia Ferreira Maia Alvarães, residentes no lugar de Belinho; Maria Tereza Teixeira de Carvalho, filha de José Fernandes Pereira de Carvalho e de Maria Cândida Teixeira de Jaques, residentes no lugar do Monte; ainda no mesmo dia, Maria Emília Azevedo da Cruz, filha de José Alves de Cruz e de Maria da Costa Azevedo, residentes no lugar do Monte;

- No dia 18-3, Maria José Lapeiro Caramalho, filha de Manuel Viana Caramalho, e de Olívia Pires Lapeiro, residentes no lugar de Guilheta; e no mesmo dia, Maria Isabel Sampaio de Faria, filha de Manuel Lourenço de Faria e de Maria dos Santos Sampaio.

* * *

«Os pais devem dar bom exemplo aos filhos. Os bons exemplos são mais eficazes do que os melhores discursos; os olhos convencem-se melhor do que os ouvidos; esquece-se o que se ouve, mas lembra sempre o que uma vez se teve diante dos olhos».

Obito

Manuel Alves da Costa, de 73 anos de idade, viúvo, faleceu no lugar de Azevedo, a 15-3.

Descanse em paz.

Recebemos

Manuel Alves da C. Viana, Angola, 50\$00
 Maria de Fátima R. Meira, Lisboa, 50\$00
 Bernardo da Cruz Caseiro, França, 300\$00
 Augusto da Cruz Caseiro, França, 400\$00

Do Ultramar

Meus caros companheiros e amigos :

Ao escrever-vos estas mal notadas letras faço votos para que elas vos encontrem de perfeita e feliz saúde, eu fico bem, graças a Deus.

Depois de longos anos que vivi na nossa terra, deixei S. Paio pela primeira vez e vim para esta nossa terra de Angola como soldado de Deus e da Pátria. Quando vos deixei tive muitas saudades e parti a chorar, mas agora estou contente por estar a qui a defender a sagrada Bandeira das Quinas que os nossos antepassados levantaram bem alto nestas terras.

Também quero agradecer-vos e dizer-vos obrigado pela vossa oferta. A minha não chegou porque se perdeu, a Cruz Vermelha informou que a substituiu por outra para eu não ficar triste.

Caros conterrâneos e amigos, vou terminar, espero que estaremos sempre todos unidos no pensamento e na oração pedindo todos em conjunto a Deus para que a paz volte a reinar nesta portuguesissima terra de Angola.

Um grande abraço do vosso conterrâneo e amigo.

José Pedreira Rodrigues
Cacolo (Angola), 6-2-962

O DIA DE...

(Continuação da 1.ª página)

transformar o Domingo — que é o dia do Senhor — no seu dia, no dia de Satanás.

(Transcrito de «Boa Semente»)

* * *

A descrição feita acima, certamente, não terá grandes imitadores cá na terra. Mas, porque vale mais prevenir do que remediar, ela aí fica para vossa instrução e meditação.

E vós, meus caros comerciantes, não esqueçais os vossos deveres; não atraíeis a vossa consciência de cristãos; não entregueis, juuto com a mercadoria e por uns tostões, a vossa alma criada à imagem e semelhança de Deus; não permitais nos vossos estabelecimentos e na vossa presença palavras contra o próximo ou ofensivas à moral. Numa palavra, cumpri a lei.

Os que partem

Álvaro Meira Laranjeira, casado, e Ângelo Meira Laranjeira, de 24 anos, solteiro, para França.

— Alberto Pires de Barros, de 15 anos, para o Brasil.

O vosso Reitor não se esquecerá de vós, como não esquece todos os filhos de S. Paio que andam por longes terras.

Sede sempre bons cristãos.

Quaresma

Quaresma é tempo de oração e penitência preparatórios da festa soleníssima da Ressurreição do Senhor. Mas quer uma quer outra requerem humildade e arrependimento sem os quais não passarão de sentimento passageiro e sem profundidade. Eis aí está o motivo porque a Santa Igreja quer que, durante este tempo sagrado, tenhamos sempre diante dos olhos de nossa consciência o pecado e a sua consequência: a Paixão de Cristo. O sentirmo-nos pecadores, cheios de defeitos e imperfeições, o reconhecermo-nos culpados de acções que nos envergonham e diminuem aos olhos de Deus e dos seus Santos, deve encher-nos de uma salutaríssima confusão e humildade muito propícias à oração reconciliadora e confortante. O sabermos que foi para que tivéssemos a possibilidade de nos libertarmos desses defeitos e pecados que o Senhor se sujeitou com amor infinito, aos mais cruéis e desumanos sofrimentos, deve inspirar-nos um santo arrependimento.

Estas disposições de alma são próprias para a Quaresma e mais próprias ainda para fazermos uma Confissão bem feita em cumprimento do 2.º preceito da Santa Igreja.

Humildade, arrependimento, propósito firme de corrigir os defeitos e progredir na virtude, eis as condições ideais para a Confissão de Desobriga seja aquela que a vossa alma espera.

As confissões em S. Paio serão nos dias 13 e 14 de Abril.

Para os ausentes vai também a nossa palavra de encorajamento e um conselho amigo :

Onde quer que estejais não deixeis de regular as vossas contas com o Senhor.

COM APROVAÇÃO ECLESIASTICA